

IMAGINAÇÃO E REALIDADE: FICÇÃO, ESCRITAS DE SI E HISTÓRIA EM *THE HANDMAID'S TALE*, DE MARGARET ATWOOD

Isabela Parucker

PPGHIS/Universidade de Brasília – UnB

Resumo: A comunicação tem como objetivo colaborar para debates no campo de teoria da história, entendida aqui como investigação das condições das possibilidades de existência da história, tanto na dimensão da experiência quanto da produção de conhecimento. Busco, assim, contribuir para discussões acerca da escrita da história, a partir da reflexão sobre os usos de narrativas ficcionais em processos de subjetivação e construção de identidades, dando enfoque a mulheres. Examinando a obra de ficção da autora canadense Margaret Atwood, procuro avaliar de que modo uma escrita ficcional pode constituir uma escrita de si, tanto no âmbito da trama, para as personagens, quanto no âmbito real, para autoras e leitoras. Nesse sentido, investigo as potencialidades da escrita literária na ciência histórica e suas possíveis interconexões.

Palavras-chave: Ficção. Escrita de si. Narrativa historiográfica.

Introdução

A história tem duas dimensões: a dos acontecimentos e a do conhecimento. Em sua qualidade de ciência, a história ocupa-se em investigar a experiência e a condição humanas no tempo, formulando narrativas historiográficas que possam explicar essa experiência e dar a ela sentido. Produz, assim, conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Por sua vez, a escrita de si – e aqui faço uso do conceito como trabalhado por Margaret Rago (2013) em diálogo com as ideias de Foucault (2014, p. 141-158)¹ sobre o termo – é também uma representação da experiência e da existência humana no tempo. Em escala menor, no nível do *eu*, essa escrita pode ser entendida como processo

¹ FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da (Coord). *Ética, sexualidade, política*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, pp. 141-158.

de subjetivação, ou seja, movimento pelo qual os indivíduos podem tomar consciência do seu próprio existir, ou entender-se como sujeitos no mundo, num tempo. A escrita de si é, portanto, forma de se pensar uma representação da experiência individual e, assim, é parte de processos de construção identitária.

Tanto história como escrita de si permitem que pensemos nossa própria historicidade e que nos entendamos como sujeitos que participam de uma história. Entretanto, a história foi, por muito tempo, centrada na ideia de um sujeito humano universal, sem uma diferenciação da participação e experiência dos dois sexos (FACINA e SOIHET, 2012, p. 9). De certa forma ainda é. A historiografia dominante – marcada por essa tradição iluminista do sujeito humano universal – inevitavelmente, privilegia o masculino, deixando de lado ou mesmo invisibilizando uma série de outros sujeitos, dentre eles as mulheres.

Em decorrência da renovação historiográfica e dos movimentos feministas a partir da década de 60, contudo, vemos na historiografia ideia de sujeito passar a ser repensada. A história das mulheres, nesse sentido, ao problematizar e revisar uma história centrada no sujeito humano universal repensa também a própria história. Busca redescobrir e reinserir sujeitos que, por muito tempo, foram marginalizados ou mesmo silenciados na historiografia.

Entretanto, o tornar-se sujeito na história e da história, para mulheres, foi (é) um processo mais difícil e não tão acessível quanto para os homens. Em decorrência da escassa presença das mulheres em registros do passado nas esferas pública, principalmente, e privada da vida, há certa dificuldade em jogar luz sobre a experiência do passado para, com isso, dar a ela sentidos. É possível, ainda assim, encontrar vestígios do passado de diversas maneiras, em formas variadas. Cartas, diários, escritas religiosas e obras literárias são meios de expressão feminina significativos (FACINA e SOIHET, 2012, p. 15).

Nessa perspectiva, é bastante relevante pensarmos a escrita literária da ficção como forma legítima de se registrar experiências e realidades, como uma escrita de si, e como meio de dar sentido à ação humana no tempo, tendo em vista a marginalização a que, por muito tempo, foram submetidas as mulheres na história e pelo necessário esforço em refletir sobre formas diversas de representação e inscrição de sua experiência no tempo. A narrativa ficcional constitui um veículo de comunicação, um mecanismo possível para as mulheres escreverem e refletirem sobre sua própria

existência, bem como um meio de se investigar sobre a própria condição humana no tempo, como faz a história.

Analisando uma obra ficcional distópica de 1985, *The Handmaid's Tale* (*A História da Aia*, título em português)², da autora canadense Margaret Atwood, proponho, então, uma reflexão acerca da relação entre escrita de si, história e ficção. Procuo pensar a importância de narrativas ficcionais nos processos de subjetivação e construção de identidades para mulheres, na investigação e representação de sua experiência. Considerando que a teoria da história configura uma investigação das condições das possibilidades de existência da história (KOSELLECK, 2014, p. 93) – tanto no âmbito da experiência quanto do conhecimento –, tento aqui compreender, sobretudo, como a história pode ser examinada, narrada e representada. Considerando ainda a escrita ficcional como forma de representação de experiências femininas e como meio para se realizar escritas de si, é importante, portanto, observar analogias possíveis entre as experiências criadas na ficção e experiências vividas na realidade, e entender como um diálogo entre o fictício e o real pode participar na produção de conhecimento.

A História da Aia: relacionando ficção, escrita de si e história

A História da Aia, objeto do presente estudo, conta a história de Offred, uma mulher que vive na República de Gilead. A trama se desenvolve num futuro imaginado, nas fronteiras do que outrora se conheceu como os EUA. Em decorrência de acidentes nucleares e desastres ecológicos que causaram um alto índice de esterilidade nos homens e mulheres dessa população, as taxas de natalidade caíram vertiginosamente. Tal cenário foi propício para que se firmassem as bases de um golpe de Estado para instaurar um regime totalitário, formulado por grupos de uma extrema direita cristã fundamentalista, e implantar políticas radicais de incentivo à elevação dessas taxas. Assim, nesse regime, a sociedade passou a ser dividida e classificada segundo funções específicas para homens e mulheres (e, para cada grupo, há subdivisões conforme as características físicas e socioeconômicas de cada indivíduo). As mulheres de Gilead são

² Para o presente trabalho, utilizei a edição de 1998 da editora Anchor Books, Nova York. Cf.: ATWOOD, Margaret. *The Handmaid's tale*. New York: Anchor Books, 1998.

dividas em castas, e a elas são designadas funções relacionadas basicamente ao trabalho doméstico e à reprodução. Tudo em suas vidas é pensado e organizado para que realizem sua função. Sua rotina, sua dieta, suas roupas, seu comportamento; tudo deve obedecer às regras estabelecidas para a sua conduta, para o cumprimento de seu papel na sociedade, em especial as aias.

A história é a partir de relatos de Offred, uma mulher que faz parte da casta das aias, ou seja, as mulheres férteis. Sua função é gerar filhos, que serão adotados pelas famílias dos Comandantes (famílias ricas da elite do regime, de casais estéreis, que seriam responsáveis pela tutela das crianças geradas pelas aias). Offred se movimenta entre passado e presente nas suas lembranças e pensamentos. Neles, vislumbramos a vida de um indivíduo definido por sua biologia, cujos direitos e liberdades de outrora foram extinguidos, e cuja autonomia é praticamente nula. Nesse sentido, o processo de tornar-se sujeito para a personagem, bem como para as demais mulheres de Gilead, encontra diversos entraves.

Ainda assim, e apesar da falta de autonomia, Offred realiza um processo de tomada de consciência de si, ao relatar e registrar sua experiência no regime. Nas idas e vindas de sua memória, ela resgata sensações e pensamentos, descobre sentimentos e desenvolve ideias. Ela questiona seu presente e reflete sobre seu passado, ao mesmo tempo em que pondera sobre seu futuro. Aprende sobre o mundo e, principalmente, sobre si.

Seus relatos, como descobre-se ao fim do livro, são transformados em uma narrativa historiográfica por pesquisadores especialistas em estudos sobre a República de Gilead, num futuro posterior ainda mais distante que aquele de Offred. Neles, descobrimos como era a vida da personagem antes e depois da mudança de governo, conhecemos um pouco da realidade que vivia, quais eram as condições para as mulheres da época e como isso se transformou com a implementação do regime totalitário. Viajamos junto a Offred para seu passado e de volta para o presente, e percebemos com ela como as circunstâncias podem mudar o sentido que atribuímos a acontecimentos, sentimentos ou até mesmo objetos materiais. Vemos também como Offred luta internamente, em seus pensamentos e memórias, para se fazer existir. Acompanhados Offred numa (re)formulação e (re)invenção de uma identidade.

Tais relatos também configuram, portanto, um contato com o *eu* da personagem: constituem a representação, em forma narrativa, de uma experiência e de sua

subjetividade. Podem, dessa maneira, ser entendidas como um processo pelo qual a personagem reflete sobre sua própria existência e inscreve-se no mundo, realizando um movimento de tornar-se sujeito de uma história. Consegue, portanto, construir e experimentar uma identidade, um *eu* e, com isso, resistir e sobreviver, à sua maneira, naquela realidade.

Sendo a escrita um processo que se completa na leitura, quando quem lê tem acesso ao seu *eu* por meio da interpretação (CHARTIER, 2001, p. 215), a escrita de si que *A História da Aia* constitui acaba por tornar-se uma “escrita de vários”. O registro de uma experiência feminina numa sociedade patriarcal e machista – não por acaso muito semelhante à sociedade ocidental contemporânea³ – permite que pensemos sobre a condição humana no tempo, sobre a condição de mulheres em especial. Permite ainda que estabeleçamos um contato com o *eu* da personagem e, assim, com nosso próprio *eu*. A obra nos apresenta um cenário em que vemos nossa realidade extrapolada, levada a um extremo. Nos alerta sobre possíveis caminhos e riscos a que nossas atitudes e ações no presente podem levar. Nesse sentido, também, a obra se mostra como um meio para pensarmos nossa própria experiência, nossa condição, nosso mundo, nossa realidade. Em sua ficcionalidade, a obra possibilita que pensemos acerca de questões da própria história, tanto no âmbito empírico quanto no da produção de conhecimento e sentido.

Conclusão

A composição histórica e a ficcional lidam com a realidade, cada qual à sua maneira e com suas estratégias, sua linguagem e seus estilos, e pensam a condição e a experiência humana no tempo. Ainda, a escrita ficcional é um meio de brincar com e testar a linguagem – que é, por sua vez, capaz de criar representações e instituir realidades (LACERDA, 1994, p. 29) – e, assim, criar imagens, metáforas, cenários e situações que jogam com o real e o imaginário, o possível e o impossível, com passado-presente-futuro. Nessa perspectiva, a narrativa ficcional criada por Margaret Atwood

³ Margaret Atwood afirmou que a regra que estabeleceu na criação de *A História da Aia* era não colocar no livro nada que não já tivera sido realizado pela humanidade, em algum lugar ou tempo, ou nada que a humanidade já não possuísse as ferramentas para realizar de alguma forma. Cf. ATWOOD, Margaret. *In other worlds: SF and the human imagination*. New York: Anchor Books, 2011, p. 88.

traz, por meio da representação de experiências (que são simultaneamente reais e imaginadas), uma forma para pensarmos nosso próprio tempo, nossa própria história. *A História da Aia* configura um exercício de escrita de si tanto para a personagem quanto para quem lê a obra, pois apresenta questionamentos e reflexões sobre a existência, a experiência e a condição humanas no tempo. A narrativa ficcional de Atwood contribui para a escrita da história justamente por proporcionar esse espaço de reflexão sobre a experiência feminina. É pertinente o trabalho com essa narrativa ficcional uma vez que ela abre espaço para a representação de experiências que foram muitas vezes marginalizadas ou silenciadas em narrativas historiográficas tradicionais. Nesse sentido, possibilita também o conhecimento do *eu* e do mundo, ao representar essas experiências, trazendo-as, assim, à realidade e tornando-as inteligíveis⁴. Possibilita ainda a elaboração de referências para as mulheres, para que elas possam se ver a partir de próprio olhar, reconhecer sua própria experiência e pensar sua própria história. Cria um caminho para que as mulheres possam se ver como sujeitos que experimentam e fazem a história.

Procurei explorar e problematizar aqui, portanto, algumas relações e fronteiras entre escritas de si, história e ficção, a partir da obra *A História da Aia*, tratando a obra não como fonte ou documento útil somente para contextualizar determinado período, mas estudar de que maneira ela pode ser pensada enquanto uma reflexão prática sobre os limites e as potencialidades da narrativa ficcional na própria escrita da história.

Bibliografia

ATWOOD, Margaret. *The Handmaid's tale*. New York: Anchor Books, 1998.

_____. *A História da Aia*. (Trad. Márcia Serra). São Paulo: Marco Zero, 1987.

⁴ Faço uso aqui da ideia de Ulpiano de Meneses de que a representação é uma necessidade incontornável, pois precisamos dela para tornar nosso mundo inteligível e a ele dar sentido. Meneses afirma que “representamos o mundo para torná-lo inteligível. O mundo tal como é seria um enigma indecifrável se não pudesse ser reconstruído pelas formas que criamos para entender as formas criadas e criadas. (...) Ficção, portanto, não se opõe a verdade: designa as figuras (palavra da mesma família) que modelamos, para darmos conta da complexidade e vastidão infinitas do mundo.” MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “O museu e questão do conhecimento”. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado Guimarães; RAMOS, Francisco Régis Lopes (orgs.). *Futuro do Pretérito: Escrita da História e História do Museu*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar; Expressão Gráfica Editora, 2010, p. 20.

_____. *In other worlds: SF and the human imagination*. New York: Anchor Books, 2011,

BAGCHI, Barnita (Ed.). *The Politics of the (im) possible: Utopia and Dystopia Reconsidered*. SAGE Publications India, 2012.

CHARTIER, Roger. "Textos, impressão, leituras". In: HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. 2a Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 211-238.

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FACINA, Adriana; SOIHET, Rachel. Gênero e Memória: algumas reflexões. *Revista Gênero*, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download/218/142>.

Acesso em 5 de abril de 2016.

FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da (Coord). *Ética, sexualidade, política*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

HANSOT, ELISABETH. "Selves, Survival, and Resistance in The Handmaid's Tale." *Utopian Studies* 5, n. 2, 1994, 56-69. <http://www.jstor.org/stable/20719313>. Acesso em 12 de agosto de 2016.

JOHNSON, S. Anne.; STILLMAN, Peter G. "Identity, Complicity, and Resistance in The Handmaid's Tale." *Utopian Studies* 5, n. 2, 1994, p. 70-86. <http://www.jstor.org/stable/20719314>. Acesso em 12 de agosto de 2016.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Contraponto, 2014.

_____, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LACAPRA, Dominick. *History, politics, and the novel*. Ithaca, New York: Cornell Univ Press, 1989.

LACERDA, Sônia. "História, narrativa e imaginação histórica". In: NAVARRO, Tânia. *História no Plural*. Brasília, Editora UnB, 1994, pp. 9-42.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. "O museu e a questão do conhecimento". In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado; RAMOS, Francisco Régis Lopes (Orgs.). *Futuro*

do Pretérito: Escrita da História e História do Museu. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar; Expressão Gráfica Editora, 2010, p. 13-49.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de conter-se*: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.